

# **O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA E O LETRAMENTO COMO AÇÃO ENGAJADORA NA PRÁTICA SOCIAL**

Cristiane Xavier Lima<sup>1</sup>  
Ana Marília de Melo Theophilo<sup>2</sup>  
Francisco Robson de Lima<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Tem sido crescente a quantidade de produções acadêmicas e intelectuais sobre alfabetização e letramento. Paulo Freire com sua contribuição na concepção de uma alfabetização libertadora e compreensão da leitura de mundo e do sujeito enquanto ser social inacabado. Além disso, temos Emília Ferreiro com a psicogênese da escrita alicerçada no processo de alfabetização e Magda Soares na discussão sobre alfabetização e letramento e suas diferenciações, bem como o processo de aprendizagem. Com isso, partiremos da indagação sobre o processo de alfabetização e letramento e de como pode ser decisiva para a formação do ser e sua ação engajadora na prática social, aprofundando as leituras desses teóricos já mencionados e outros trabalhos que nos possibilitem alicerçar nossas discussões. Esse estudo tem como objetivo dialogar sobre o processo de aquisição da escrita e do letramento como ação engajadora na prática social tão necessários e urgentes para a transformação da sociedade, a partir dos autores acima citados. Nossa metodologia se dará por meio de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa, buscando aprofundar as leituras desses autores e de outros que nos embasem com suas teorias para discutir e responder nossa indagação inicial. A partir das leituras aprofundadas, nossa compreensão é que o aprendiz é sujeito do seu aprendizado e seu engajamento nas práticas sociais começa desde o primeiro momento em que ainda criança começou a pensar e refletir sobre como representar na escrita aquilo que ouvia dos adultos, sua curiosidade já como ação social que se estenderá a vida inteira. Nossa busca constatou que o sujeito por se só é um ser social, entretanto o que fará com o que aprendeu ao longo da vida acadêmica tornando-se engajado em práticas sociais é o que efetivamente transformará a sociedade na qual está inserido.

**PALAVRAS-CHAVES:** ALFABETIZAÇÃO; LETRAMENTO; PRÁTICA SOCIAL; AÇÃO ENGAJADORA.

## **ABSTRACT**

The amount of academic and intellectual productions on literacy and reading has been growing. Paulo Freire contributed to the concept of a liberating literacy and the understanding of reading the world and the individual as an unfinished social being. Additionally, we have Emília Ferreiro with the psychogenesis of writing, based on the literacy process, and Magda Soares, who discusses literacy and reading, their distinctions, as well as the learning process. Thus, we begin by questioning the literacy and reading process and how it can be decisive for the formation of the individual and their engaged action in social practice, delving into the works of these mentioned theorists and other studies that allow us to ground our discussions. This study aims to discuss the process of acquiring writing and literacy as an engaged action in social practice, which is so necessary and urgent for transforming society, based on the authors mentioned above.

Our methodology will be based on a literature review with a qualitative approach, seeking to deepen the readings of these authors and others who can support us with their theories to discuss and answer our initial question. From these in-depth readings, our understanding is that the learner is the subject of their own learning, and their engagement in social practices begins from the first moment when, as a child, they started thinking and reflecting on how to represent in writing what they heard from adults this curiosity already being a social action that will extend throughout their entire life. Our research has found that the individual is inherently a social being. However, what they do with what they have learned throughout their academic life, becoming engaged in social practices, is what will effectively transform the society in which they are inserted.

**KEYWORDS:** LITERACY; READING; SOCIAL PRACTICE; ENGAGED ACTION.

## 1. INTRODUÇÃO

Tem sido crescente a quantidade de produções acadêmicas e intelectuais sobre alfabetização e letramento. Paulo Freire com sua contribuição na concepção de uma alfabetização libertadora e compreensão de leitura de mundo e do sujeito enquanto ser social inacabado. Além disso, Emília Ferreiro com a psicogênese da escrita alicerçada no processo de alfabetização nos traz um novo olhar no processo de aquisição da escrita da criança e Magda Soares na discussão sobre letramento no processo de aprendizagem.

No início da década de 80 surgiram as primeiras discussões sobre letramento, as produções acadêmicas foram cada vez mais aprofundando sobre o termo letramento e sua importância para o engajamento social. Com o crescente número de pessoas alfabetizadas surgiu o interesse de se denominar a quem passou a utilizar a leitura e a escrita em contexto social.

Desde 1974 Emília Ferreiro vinha realizando seus experimentos com crianças e apresentando suas conclusões que deram origem a psicogênese da língua escrita. Essa trajetória de Ferreiro alavancaram as discussões sobre alfabetização, Soares com o debate sobre letramento, bem como Freire na perspectiva de aprofundamento do contexto próprio da leitura para o engajamento social.

No presente trabalho, discutimos a importância do processo de alfabetização e letramento como elementos essenciais para a participação em práticas sociais ainda crianças e para toda a vida. Indagamos sobre o processo de aquisição da escrita e o letramento como ação engajadora na prática social. Nosso objetivo é explorar as perspectivas dos autores mencionados e de outros estudiosos relevantes, a fim de enriquecer as discussões propostas e responder à questão que levantamos anteriormente.

No primeiro momento nossa discussão gira entorno do processo de aquisição da leitura e da escrita antecedendo a escolarização referenciando Ferreiro, Soares e Freire apontando que mesmo antes de sua escolarização a criança já pensa sobre como representar a língua falada dentro do contexto social a qual está inserida.

Na continuidade abordamos sobre o processo de alfabetização no contexto escolar trazendo Emília Ferreiro e a perspectiva do processo de alfabetização, Magda Soares na discussão sobre o letramento ao mesmo tempo que a criança se alfabetiza. Fechamos nossa discussão com o contexto de letramento como ação engajadora trazendo para o debate Freire que nos aponta caminhos na percepção de que é com o processo de letramento que adentramos no entendimento do texto mais profundamente compreendendo não somente o texto mais o contexto. O entendimento de que Paulo Freire nos traz sobre a leitura do texto, de compreender que ao ler num sentido mais amplo da palavra vamos nos construindo enquanto sujeito e construindo nossa história.

Nossa pesquisa, baseada nos estudos teóricos, conclui que o processo de aquisição da leitura e escrita tem início antes do ingresso da escola. No entanto, é na escola que esse processo se estrutura e é por meio do letramento que o estudante se constrói como sujeito. Ao mergulhar nos textos, ele compreende o contexto, amplia suas habilidades e desenvolve sua identidade. Com isso entendemos que a leitura nos põe em movimento para entender o contexto social que participamos.

## **2. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE LEITURA E DE ESCRITA ANTES E APÓS A ESCOLARIZAÇÃO**

O espaço social o qual estamos inseridos é repleto de diferentes e diversos materiais escritos e que de alguma forma a criança tem acesso a essa leitura e mesmo de forma não convencional vai construindo os primeiros “rabiscos”. Segundo Ferreiro (2011), estamos tão habituados a conceber a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo exclusivamente escolar que muitas vezes é difícil perceber que o desenvolvimento dessas habilidades começa muito antes da criança iniciar a escolarização. Compreendemos que o espaço o qual a criança está inserida é um espaço vivo, entretanto dependendo do contexto social terá acesso muito ou pouco acesso aos diversos materiais impressos com funções sociais também diversas. Com isso, a construção social que nos foi imposta é de que a escola é a única a ter autoridade de inserir a cultura escrita. A criança,

Imersa em ambientes socioculturais em que a leitura e a escrita têm papel e função centrais, como acontece em nossas sociedades grafocêntricas, a criança, antes mesmo de entrar na escola, vai progressivamente se aproximando do conceito de escrita percebendo que escrever é transformar fala em marcas sobre diferentes suportes, e que ler é converter essas marcas em fala. (SOARES, 2021, p. 51)

Tanto Emília Ferreiro quanto para Magda Soares entendem que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita da criança começa mesmo antes de sua escolarização, pois, como diz a própria Magda Soares, entende-se que imersa nesse espaço a criança demonstra seus primeiros conflitos na tentativa de escrever. Essa produção escrita que se

antecipa a escolarização mostra que a criança já pensa sobre como representar na escrita o que os adultos falam.

Nesse contexto, quanto mais acesso a criança tiver aos materiais escritos como livros infantis, propagandas, rótulos, ter pessoas em sua casa lendo mais cedo fará uso da representação da língua escrita. Essas marcas que a criança vai construindo, embora ainda não sejam letras já é uma forma de buscar representar o que pensa sobre o que falamos. Essa reinvenção acontece mesmo antes de iniciar sua escolarização. Como diz Soares (2021 p. 61), as crianças desde muito pequenas desenhavam supondo que estão, assim, “escrevendo”: entendem que escrever é representar aquilo que se fala.

Essa marca que as crianças nos fornecem desde muito pequenas nos apontam o caminho que está traçando na construção do processo de sua “escrita”. Esse aspecto que nos parece imaturo da criança é na verdade a sua primeira construção do processo de aquisição da escrita. Compreendemos que o processo de aquisição da escrita no contexto escolar se inicia ainda na educação infantil, quando a criança manuseia os primeiros materiais escritos como livros literários infantis que vai “lendo” apoiada nas imagens e vai construindo uma sequência de falas a partir destas imagens e de modo gradual se inicia o processo de alfabetização, onde se apropria do sistema de representação alfabética e com isso o início da aquisição de leitura e escrita.

Nesse sentido Soares (2021, p. 51) nos mostra:

que é pela interação entre seu desenvolvimento de processos cognitivos e linguísticos e a aprendizagem proporcionada de forma sistemática e explícita no contexto escolar que a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação de sons da língua (os fonemas) por letras – apropria-se, então, do princípio alfabético.

Com isso, a autora nos diz que, no processo de alfabetização, a criança vai percebendo que para escrever necessita utilizar letras e que estas juntas tem som. Com isso, começa a diferenciar ao escrever tudo o que vê no meio. É importante entender que o ponto de partida para ensinar a ler e escrever é o texto, isso porque cada unidade sonora por si só não fará sentido dissociado do todo, não são as palavras em separado que compõem o texto, mas este que compõem as palavras dando sentido ao que lemos.

Ainda de acordo com Soares (2021) as crianças não dedicam seus esforços intelectuais para inventar novas letras: elas recebem as formas das letras da sociedade e as adotam conforme são ensinadas. Esses esforços durante o processo de aprendizagem da escrita começam antes mesmo da entrada na escola, mas é dentro do ambiente escolar, de maneira sistemática, que essa aprendizagem se desenvolve e se aprimora.

Esse documento tão valioso diz muito sobre a escrita da criança, seus conflitos gerados na tentativa de escrever. O olhar do professor alfabetizador que vê além do que está escrito, entendendo que a criança aponta caminhos através do que escreve, dos seus desenhos, pressupondo a escrita, ainda que não seja a escrita convencional demonstra que já pensa sobre a representação da fala na escrita. Esse conflito que surge na criança precisa que o olhar seja ao mesmo tempo minucioso e sensível. As marcas que a criança deixa ao escrever ou desenhar demonstram o que já aprendeu sobre o sistema de escrita alfabética e qual hipótese silábica está. Interpretar o que a criança escreve não para lhe conferir uma nota, mas para traçar caminhos para que possibilite que ela avance. Nessa perspectiva o professor alfabetizador precisa saber como conduzir sua rotina pedagógica se utilizando de diferentes e diversos materiais, bem como maneiras diversas de interação com a escrita alfabética para que ajudem as crianças avançarem.

### **3. PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COMO AÇÃO ENGAJADORA**

A compreensão do processo de alfabetização e letramento como ação engajadora traduz o verdadeiro processo de aprendizagem. Enquanto ser social o educando vai construindo o seu pensar a partir das reflexões construídas dentro e fora da escola.

Para Freire (2011. p. 30) “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo”, quer dizer, de transforma-lo através de nossa prática consciente”. Esse ato que começa com a leitura de mundo e se transforma numa reflexão da ação consciente de buscar compreender o texto no contexto social e ao mesmo tempo de agir para que seu próprio mundo se transforme.

O entendimento do texto e do contexto que faz transcender a vida não somente em compreender o que está escrito, mas o que não foi escrito e que se converte em um ser político na sua totalidade, na pura essência que transforma o mundo que começa no processo de alfabetização e do letramento como prática social. A leitura do mundo mergulhada na leitura da palavra traça novos caminhos, o que antes se convertia em entender o mundo o qual está inserido se amplia na compreensão de que seu mundo se aglutina em outros mundos.

O verdadeiro sentido da alfabetização e do letramento é refazer o caminho buscando novo sentido para aquilo que aprendeu. Esses dois processos caminham lado a lado, onde o texto é entendido nas linhas e compreendido nas entrelinhas. A compreensão de que ao mesmo tempo que se trabalha nas crianças o processo de ler e escrever inseridas

nas práticas pedagógicas em situações de compreensão crítica do texto. De acordo com Viana

a aprendizagem da leitura, portanto, é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto socioeconômico e cultural, abrindo novas perspectivas para o aluno, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade uma vez que a leitura crítica desmascara valores e tem um potencial emancipador contra a alienação (p12)

Nesse sentido ao trabalhar o aprofundamento do texto o educador permite que as crianças desenvolvam sua criticidade à medida que vão discutindo o que leu percebendo os aspectos centrais do texto.

A sensibilidade do professor de trazer para o contexto de sala de aula textos do universo popular que trazem elementos contextuais fazendo muito mais sentido a leitura. Marciel e Lúcio (2009 p.16) afirmam que:

ao se interpretar e produzir textos escritos em diferentes gêneros, o aprendiz é levado a se indagar sobre quem escreve e em que situação escreve; o que se escreve; a quem o texto se dirige e com que intenções; quais os efeitos que o texto procura produzir no leitor.

Essa construção acontece à medida que o aprendiz vai adentrando no texto, ou seja, vai compreendendo as linhas e entrelinhas do texto. O entendimento do texto que leu foi escrito para atingir um fim e que ao escrever estará impregnando de sentido o texto escrito. Compreender as minúcias contidas nos diversos gêneros textuais em práticas sociais diversas fará do aprendiz um grande leitor e escritor. Seu olhar sobre o texto será crítico e essa criticidade também o ajudará a ver o mundo de outra forma. O ato de ensinar a ler e a escrever, afirmam Marciel e Lúcio (2009, p. 16), mais do que apenas permitir o domínio de uma tecnologia, a educação cria condições para que o indivíduo se insira em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento, além de participar em diversas esferas sociais e políticas.

Possibilitar essa inserção do sujeito em práticas sociais, para que além da compreensão do texto e do contexto, é o verdadeiro papel da escola, pois o sentido da educação é a transformação do espaço social em que o sujeito está inserido, não apenas sendo consumidor, mas produtor de conhecimento com sua ação crítica fazendo a releitura do próprio conhecimento. Esse aspecto do ser social que transcende os limites da sua instância de ser, dando voz e vez a sua construção de ator consciente dentro do contexto histórico e político.

Para Paulo Freire não se lê criticamente, como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria me atacado. Nesse sentido a leitura vai fazendo parte do ser enquanto sujeito que transforma sua realidade e vai se construindo a cada leitura.

Assim, a construção do saber que começa quando o educando ainda está dando os primeiros passos na compreensão leitora e no processo de aquisição da escrita traçam os caminhos na construção do ser social capaz de ser agente transformador. As palavras de Freire (2011) rumam nesse sentido, quando o autor afirma que uma compreensão crítica do ato de ler não se limita à mera decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se estende para a inteligência do mundo. A "leitura" do mundo precede a leitura da palavra.

Nessa perspectiva, a leitura de mundo será para a criança o primeiro cenário de descobertas, onde quem sabe fará os primeiros rabiscos no chão ou nas paredes e isso nos parece familiar. Essa leitura de mundo vista no olhar de quem vê o pequeno mundo em sua volta, mas que se ampliará no processo de leitura e escrita ao representar os sons da fala em seus primeiros escritos e que se amplia no processo de letramento, no entendimento do texto e na construção do saber.

Sobre isso, é importante destacar o pensamento de Freire (2011, p. 26):

nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado. No processo de letramento o sujeito que vê além do texto, que constrói suas ideias e que dá novo sentido ao saber que lhe foi ensinado e como sujeito é também crítico daquilo que recebeu como ensinamento.

Na perspectiva de agente ativo, o sujeito reconstrói o próprio saber e ao lê não vê o que é apenas visível ao texto, mas se amplia no que o autor quis dizer. Dessa forma, a leitura em seu aspecto mais amplo que não se limita ao que está escrito, mas ao que lê se amplia como ação engajadora através das práticas sociais. Isto é, ao interpretar e produzir textos escritos em diferentes contextos o aprendiz indagar não apenas ao que leu, mas também o que reconstruiu enquanto escrita. O aprofundamento que se dá ao texto entendendo os aspectos textuais e a partir dele desenvolver seu próprio discurso.

Para Freire (2021 p.27) “não se lê criticamente, como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria no atacado”. Essa reflexão tão profunda que o autor nos traz da forma como o educando lê e que ao adentrar no texto também se compromete com o que foi expresso nas palavras do autor, ou seja, é essa profundidade da leitura que constrói no educando o seu ser sujeito social. Ainda de acordo com o pensamento de Freire (2021 p.32), “se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não

pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar”. É essa compreensão profunda que o educador tem do respeito pelo ato de ensinar, entendendo que não são os conteúdos por si só que tornam o educando um sujeito social de transformação, mas essencialmente o próprio ato de fazer do educador. Não se ensina e ao mesmo tempo age de forma contrária ao que se ensina. Para Paulo Freire ensinar não é transferir conhecimento (2021, p. 46,). É importante que o educador entenda que ensinar é permitir que o estudante desenvolva sua criticidade, que tenha curiosidade de aprender não só o que é ensinado, mas que se debruce na leitura de forma mais profunda e que com a construção do seu saber busque outras leituras.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de aquisição da escrita e o letramento emergem como elementos fundamentais não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e participativa. Ao longo da reflexão sobre esse tema, ficou evidente que a escrita vai além de uma mera habilidade técnica; ela é uma ferramenta poderosa que possibilita o engajamento social e a inserção crítica do indivíduo em diferentes contextos. A escrita permite a quem escreve desenvolver a partir das leituras realizadas a crítica daquilo que leu num sentido mais amplo de quem também busca entender o que foi lido.

O letramento, entendido como uma prática social dinâmica, permite que os alunos não apenas consumam, mas também produzam conhecimento, contribuindo para um debate mais amplo sobre sua realidade. A educação, portanto, deve ser vista como um processo transformador que capacita os alunos a se tornarem cidadãos atuantes de forma crítica e consciente em suas comunidades. Essa perspectiva reafirma a necessidade de abordagens pedagógicas que promovam a alfabetização crítica, alinhando a prática da escrita com a formação de sujeitos autônomos e comprometidos com a transformação social. Entendemos que a educação precisa e deve ser transformadora.

Assim, ao promover o letramento como uma ação engajadora, devemos considerar a importância de criar ambientes educativos que estimulem a reflexão, o diálogo e a ação coletiva. Somente assim poderemos contribuir para a formação de uma sociedade onde a escrita não seja apenas um meio de comunicação, mas uma forma de resistência e de construção de uma realidade mais equitativa.

Há muito a ser ainda pesquisado sobre o tema. A pesquisa qualitativa dará amplidão ao que já foi pesquisado e trará contribuições significativas para esta pesquisa. Esta pesquisa não se finda, isto porque, quando falamos em leitura e escrita dentro e fora do contexto escolar a muito a se pesquisa. Acreditamos que a pesquisa realizada contribuirá com outras pesquisas que possam ser realizadas.



## **Referências bibliográficas**

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. – 26. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MARCIEL, Francisca Izabel Pereira; Maria Lúcia Castanheira, Raquel Márcia Fontes Martins, (organizadoras). – 2 ed. – Autêntica editora: Ceale, 2009. – (Coleção **Alfabetização e letramento na sala de aula**).

Site: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/9/22>